

HERDER E A ORIGEM DA LINGUAGEM



Ivanaldo Santos¹

RESUMO

Apresenta-se, a partir de um ensaio, a contribuição dada por Herder na pesquisa sobre a origem da linguagem. De um lado, ele contribuiu para questionar o princípio da origem divina da linguagem e, ao mesmo tempo, lançar as modernas bases para o estudo racional e histórico-cultural da linguagem. Por outro lado, indiretamente contribuiu para a edificação de outro princípio. O princípio que afirma que o homem é um produto da evolução da história e da cultura e essa evolução é mediada pela linguagem. Este princípio alicerça o moderno estudo da linguagem.

Palavras-chave: Herder. Homem. Linguagem.

HERDER AND THE ORIGIN OF LANGUAGE

ABSTRACT

This essay presents the contribution given by Herder on the survey about the origin of language. On the one hand, he contributed to the questioning of the principle of the divine origin language and, at the same time, threw up the modern bases for the reasonable and historical-cultural study of language. On the other hand, he indirectly contributed for the construction of another principle, which states that man is a result of the evolution of history and culture and that this evolution is measured by language. This principle bases the modern studies of language.

Keywords: Herder. Man. Language.

Professor do Departamento de Filosofia – UERN. Mossoro/RN. E-mail: ivanaldosantosa@yahoo.com.br.

No século XVIII o pensador alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803), mais conhecido como Herder, publicou, em 1772, um de seus trabalhos mais notáveis. Trata-se de *Über den Ursprung der Sprache* (Ensaio sobre a origem da linguagem). Esse livro contribuiu para a edificação das modernas bases no estudo da linguagem.

Segundo Dobranszky (1996), no século XVIII, Herder, juntamente com outros pensadores iluministas como Condillac, Rousseau e Vico, provocou uma “revolução” no estudo da linguagem. Essa “revolução” foi o fato de ele não aceitar a explicação dada, até aquele momento histórico, de que a origem da linguagem era divina, um presente de Deus ao ser humano, e que ela não precisava de qualquer tipo de aperfeiçoamento. Ele mostrou justamente o contrário: que a linguagem humana é uma instância produzida pelo próprio homem, e não pela divindade, se que encontra mergulhada nas transformações sócio-históricas, logo ela está em constante elaboração e aperfeiçoamento.

Com Herder passam a estar lançados os fundamentos de uma compreensão do papel da linguagem como eixo antropológico, isto é, o homem que busca suas raízes essenciais e compreender-se como elemento transformador e ao mesmo tempo transformado pela cultura. Para Herder (1987, p.49), “o homem está organizado para ser uma criatura de linguagem, pois sem linguagem o homem não possui razão e sem razão não tem linguagem”, visto que o ser humano está condenado a continuar a organizar em caracteres cada vez mais sofisticados e abstratos a linguagem.

Para Herder (1987, p.25) os animais, incluindo o homem, não “são rochedos isolados”, pois está em constante comunicação com outrem. E deve-se entender “comunicação” no sentido de linguagem - e neste ponto fica a interrogação: o que é linguagem? Para melhor compreensão, separar-se-á essa explicação em cinco fases.

A primeira é que para Herder (1987) a linguagem é um sistema, isto é, uma totalidade estruturada. Ao contrário de outros pensadores, como Platão, os quais indicavam o homem como o único animal a possuir linguagem, Herder (1987, p.25) afirma “que todos os animais têm linguagem”. Dessa maneira uma cabra a balir, uma vaca a mugir, o zumbido das abelhas, o próprio som emitido pela natureza, enfim qualquer ente que esteja dentro do conjunto da existência possui uma determinada linguagem. Por tal fator, a linguagem é uma totalidade, pois ao redor do ser humano só existe linguagem, em formas e combinações diferentes.

Se o indivíduo estiver num deserto no qual não haja nem uma forma de existência além da humana, ele estará isolado sem uma totalidade de seres para

se comunicar. Neste caso, haverá uma totalidade em termos de linguagem? Herder (1987, p.27) responde esta objeção referindo-se à “lei natural imediata”, ou seja, a linguagem de impressão, pois mesmo que o indivíduo esteja isolado num deserto, ele terá uma série de impressões oriundas de si mesmo e da natureza, tais como: o calor, a cor da areia, o vento e outros, as quais se constituíram numa linguagem total

A segunda fase é que a linguagem é um sistema de sinais ou de signos, isto é, os elementos que formam a totalidade são um tipo especial de objetos - os signos - ou objetos que indicam outros objetos, nomeando-os, os quais representam outros objetos. Por exemplo: o choro do bebê tem um determinado sentido, a hora de comer, de dormir ou outro qualquer, então é um signo; a fumaça é signo ou sinal de fogo; o toque de uma corneta, num campo de batalha, é signo ou sinal para a tropa desenvolver determinada manobra militar.

A terceira fase é que a linguagem indica alguma coisa. Por exemplo, uma cadeira, isto é, os signos linguísticos, as palavras, possuem uma função *indicativa*, pois apontam para as coisas que significam. Mas, como se dá essa indicação? Por que a cadeira não pode ser chamada de “mesa” ou de “bola” por exemplo. Segundo Herder (1987, p.25), a resposta a essa objeção encontra-se na “origem da humanidade quando o homem ‘em gritos’ encontrava certos objetos”, uma pedra por exemplo, mantinha contato com ele, observava suas características, como: cor, cheiro, som emitido, e então dava-lhe um nome - “isto é uma pedra”; dizia o homem primitivo - quando encontrava outro objeto semelhante repetia: “isto é uma pedra”. Dessa forma, o signo, através das sucessivas gerações que designavam “pedra”, tornou-se universal e quando, atualmente, vemos uma pedra não dissemos “bola” ou “mesa” mesmo que este objeto esteja fora de seu ambiente como um museu ou uma experiência científica.

A quarta fase é que a linguagem tem uma função comunicativa por meio das palavras, gestos, sons, cores e outros gêneros o ser humano entra em relação com outros indivíduos e seres - os animais por exemplo. A partir desse ponto, o ser humano dialoga, argumenta, persuade, relata, discute, ama e odia, ensina e aprende, expressa desejos, sonhos, frustrações e ambições. Por exemplo, a linguagem dos surdos mudos. Eles não usam palavras, no entanto, comunicam-se entre si, um filme em preto-e-branco, do início da história do cinema, não havia cores, contudo é possível compreender o enredo do filme.

A quinta e última fase é que a linguagem exprime pensamentos, sentimentos e valores, isto é, possui uma função de conhecimento, um fator epistemológico de expressão, pois “a especificidade da linguagem humana só se explica,

compreende-se a configuração responsável pela sua gênese” (HERDER, 1987, p.45), ou seja, uma mesma palavra pode exprimir sentidos ou significados diferentes, dependendo do sujeito que a emprega, ouve e lê, das condições ou circunstâncias em que foi empregada ou do contexto em que é usada e da interpretação que o indivíduo dá a essa palavra. Por exemplo: a palavra “corra” pronunciada num campo de batalha significa: “a batalha está perdida, fuja e salve sua vida”, já pronunciada numa pista de atletismo significa: “o treinamento começou ou a corrida teve início”. O mesmo acontece com o vocábulo “pedra”, pois pronunciada por um artista conotará uma obra de arte; pronunciada por um joalheiro conotará uma jóia; já pronunciada por um pedreiro conotará um componente a ser utilizado na construção civil.

No entanto, para Herder (1987) essas cinco fases desembocam em uma pergunta: qual é a origem da linguagem? Se é possível determinar o que a linguagem é, no sentido de existência, pelo menos de maneira genérica, é possível tentar fugir dos mitos e construir um conceito para ela.

Durante quase toda a história do Ocidente anterior ao século XVIII, considerou-se que a linguagem era de origem divina, pois, segundo a tradição cristã (Gn, 1, 1), Deus, no momento em que criou a realidade vivida pelo homem, também criou a linguagem. Ao pronunciar a palavra “haja”, no sentido de existência imediata e automática, Deus criou a realidade e também a linguagem. Uma outra relação entre a tradição cristã e a origem da linguagem encontra-se no evangelho do apóstolo João (Jo 1, 1). Neste trecho do evangelho, Cristo é identificado com o *logos*, ou seja, com a palavra grega que indica um processo discursivo lógico-racional. Na tradição cristã, e até o século XVIII, na tradição Ocidental, Deus deu ao homem a linguagem como presente. Bastava ao homem aperfeiçoá-la através das práticas empíricas oriundas do cotidiano.

Entretanto, Herder (1987, p.74-75), vai rejeitar a explicação sobre a origem divina da linguagem, segundo ele:

Se tivesse sido um anjo ou um espírito divino a inventar a linguagem, como poderia acontecer que a arquitetura da linguagem não fosse toda ela uma imagem do modo de pensar desse espírito? Um quadro pintado por um anjo há-de conhecer-se em que senão no traçado angelical, supraterrâneo? A origem divina nada explica e também não abre caminho para qualquer outra explicação; é uma espécie de sagrada Vestal, como diz Bacon num outro contexto, consagrada a Deus, mas estéril, piedosa, mas inútil!

Em outra parte, de forma irônica, ele continua a questionar a origem divina da linguagem: "Por que razão inventou Deus um vocabulário desnecessário que, como dizem os Árabes, só um profeta do Senhor podia abarcar no seu conjunto? Ou tê-lo-á Deus inventado na vacuidade do desleixo?" (HERDER, 1987, p.99).

Então se a linguagem não é de origem divina, como ela nasce? Será possível conhecer esta origem de maneira cognitiva e decifrada em caracteres da linguagem humana? Estas duas perguntas não são respondidas de forma clara e definitiva por Herder, mas, em sua obra *Ensaio sobre a origem da linguagem* (1987), encontram-se quatro argumentos que discutem o problema.

O primeiro é que a linguagem nasce por imitação ou onomatopéia, isto é, imitam-se os sons produzidos pela natureza. Por exemplo, um gato aprende a linguagem própria de sua raça através de sucessivas repetições, ou seja, quando sua mãe ou outro gato emite um som ele o ouve. Passado alguns momentos ao ouvir o mesmo som, ele o reconhece e passa a emitir o mesmo som. Dessa maneira, o gato desenvolve o seu "sistema" de linguagem reconhecendo, por exemplo, o miado da fêmea na época do acasalamento e o latido de um cachorro.

O segundo argumento é que, para Herder (1987, p.87-88), "a linguagem nasce por imitação dos gestos", ou seja, nasce como uma forma de encenação ou pantomima, na qual o gesto indica um certo e determinado sentido. Lentamente o homem, que vivia, no período primitivo, em estado selvagem ao lado das outras formas de existências, passou de um gesto involuntário, puramente determinado pelo instinto de sobrevivência, para gestos mais aperfeiçoados, acompanhados de sons e, por sua vez, estes sons se tornaram gradualmente palavras, substituindo-os. Um bom exemplo disso são as crianças as quais deixam os sons como o choro para dizer palavras como "papai" e "mamãe".

O terceiro argumento é que, segundo Herder (1987, p.89), "a linguagem nasce da necessidade". Entenda-se "necessidade" enquanto a fome, a sede, a necessidade de abrigar-se e defender-se das intempéries da natureza. A necessidade de reunir-se em grupo para defender-se dos animais e de outros grupos humanos mais fortes, levou à criação de palavras, formando um vocabulário elementar e rudimentar, porém suficiente para atender às necessidades imediatas que gradualmente tornou-se mais complexo e transformou-se, já em um estágio mais adiantado do processo civilizatório, em uma língua de uma comunidade.

O quarto e último argumento é que a linguagem nasce das emoções. Deve-se entender "emoção" no sentido amplo e dinâmico de paixão, pois Herder (1987, p.35) usa a ambiguidade do conceito - que se "reporta ao mesmo

tempo à experiência física e à subjetividade” - para indicar elementos da emoção de forma geral, em que o grito no sentido de medo, dor, surpresa ou alegria fornece fontes ou modos de expressão. Para Herder (1987, p.28), um brado como “ah” pode ser o som tanto do amor como do desespero. O fato é que no processo civilizatório do homem primitivo, este brado exprimia uma série de palavras, frases, enunciados e sentimentos os quais mais tarde foram desenvolvidos com o aprimoramento da linguagem, com o advento da língua em formato de um signo comum a uma certa comunidade.

Com essas explicações - referentes ao conceito de linguagem e sua respectiva origem - é possível se adentrar no campo do aprinoramento linguístico, pois Herder (1987, p.29) considera as línguas (no sentido de idiomas) faladas em sua época, século XVIII, como sendo “línguas tardias e metafísicas”, pois afastaram-se da linguagem primitiva - do homem em estado selvagem - e desenvolveram premissas abstratas, tais como: fórmulas matemáticas, gêneros musicais, escolas literárias e filosóficas e muitas outras. Como então o ser humano saiu de uma linguagem extremamente primitiva, a qual possibilitava apenas a sobrevivência no meio dos outros animais, para a linguagem metafísica, tardia e aperfeiçoada ?

Para Herder (1987, p.18), a resposta dessa objeção encontra-se na história, pois ela é o “devir pelo qual a linguagem se transforma perpetuamente”. Ao contrário de seus contemporâneos que viam a linguagem como uma estrutura definitiva, sem mutações, Herder vê na linguagem um caráter transformador, no qual os desdobramentos sócio-econômico-culturais, ou seja, as variações históricas acontecidas em nível de estruturas formadas por comunidades, que tinham os mesmos interesses como, por exemplo, uma religião (o cristianismo) ou um projeto econômico (o capitalismo do século XVIII), atuam de maneira a fazer que a linguagem passe por um processo constante de modificação. Por essa ótica, Herder modifica a noção de lei natural, a qual afirma que há uma obrigação natural; um determinismo genético, onde após as primeiras manifestações do som esse fica cravado de alguma maneira na mente do indivíduo. Para ele, apesar do ser humano, junto com os outros animais, nascer com habilidades para a aquisição da linguagem, somente o processo sócio-econômico-cultural é capaz de realizar o desenvolvimento dessas habilidades.

Para ele a lei natural é a globalidade, ou seja, reporta-se à funcionalidade interna dessa lei, pode dizer-se que tem um papel teórico, descritivo e explicativo; próximo daquilo a que atualmente os lingüístas e demais pesquisadores das ciências humanas chamam de “hipótese”. No entanto, tem-se através dos sentidos, dos órgãos os quais foram aperfeiçoados ao longo das gerações, das

necessidades, contingências e novas formas sociais oriundas das mutações feitas pela história, um ponto decisivo. Segundo Popper (1996, p.29), este ponto é a "tendência inata para aprender uma linguagem". A partir dessa tendência o ser humano pode modificar o sentido das palavras, dando-lhes um novo sentido. Ou de maneira menos drástica retocar este sentido de acordo com as formas sócio-culturais exigidas pelo cotidiano.

De acordo com Jaeger (1994, p.24-28), pela interseção dessas explicações é possível entender, por exemplo, o desenvolvimento da palavra "arete", que ao longo da história da Grécia antiga passou por profundas modificações. Inicialmente, na Grécia do século V a.C., essa palavra designava apenas os indivíduos que cuidavam de crianças, hoje conhecidos pelo nome de babá, mas devido à necessidade de sobrevivência dos gregos frente a seus inimigos, no campo de batalha, e com o desenvolvimento da comunidade através das relações político-econômicas, ela passou a designar o ideal de cidadania grego. A partir desse novo sentido, passou, então, a designar o ideal grego de virtude, não no sentido moral como se convencionou com o advento do Cristianismo, porém no sentido de força exterior que deveria ser empregada contra os inimigos e no sentido de um poder não igualitário, pois era hereditário e estamentário, determinado e preestabelecido por um grupo (principalmente a nobreza e os cidadãos). Este poder deveria ser usado contra seus opositores, subordinados e insubordinados, para garantir a posse do grande bem, entenda-se a palavra "bem" no sentido do que na época era considerada riqueza, ou seja, a propriedade latifundiária de grandes somas de terras produtivas e férteis.

Passando pelo elemento histórico de transformação, como visto no quarto argumento, constata-se que a linguagem tem uma função social para a raça humana. Devido ao aprimoramento sócio-cultural, ela já não está a serviço apenas de um instinto de pura sobrevivência e perpetuação da raça como nos animais, pois o ser humano há muito tempo se separou da linguagem instintiva. Dessa forma, passou a elaborar formas mais complexas de linguagem. O próprio Herder (1987, p.45-46), pergunta e ele mesmo responde: "Que linguagem há no homem que seja instintiva como a que possui cada espécie, segundo a respectiva esfera e dentro delas? A resposta é breve, nenhuma". Se a linguagem possui um aspecto social, devido à evolução sócio-histórica, como se processou este aspecto?

Em Herder (1987), o aspecto social da linguagem se dá através de três disposições fundamentais, as quais estão interligadas não havendo entre elas nem uma hierarquia, ou possibilidade de uma dessas vir a ser suplantada por outra e ficar apenas duas ou uma síntese das três.

A primeira dessas três disposições é a comunicação, pois é ela que nos permite a captação de enunciados, os quais foram lembrados pelas vicissitudes históricas. Por exemplo, a expressão “segunda guerra mundial”. É indubitável que separadamente os termos dessa expressão já existiam antes da década de 1949, já existia a palavra “segunda”, “guerra” e também “mundial”, entretanto foi necessário que acontecesse uma série de fatores sócio-históricos, tais como: a ascensão do nazismo, a formação de blocos militares, o desenvolvimento da indústria do aço e, por fim, todo o palco de operações bélicas; para que essa expressão pudesse ganhar status e fosse comunicada através de maneiras como palestras, revistas, cinema, livros, conversas informais entre amigos; enfim através da linguagem em sua plenitude.

A segunda disposição é a transmissão, já que é ela que possibilita ao ser humano saber, de maneira detalhada e sistemática, que houve uma “segunda guerra mundial”, ou seja, a transmissão nos coloca em contato direto com outras manifestações da linguagem. Por exemplo, a arte nas suas várias manifestações como dança, música, teatro, cinema e outras. Ela só pode chegar até ao conhecimento humano porque ouve uma rede vastíssima de transmissão desde o ensaio inicial, passando pela cadeia de propaganda até a apresentação em um local determinado e, em cada ponto dessa rede, existem cadeias menores de transmissão de modo que a linguagem é uma constante transmissão de informações.

A terceira e última disposição é a aprendizagem, pois é através dela que o ser humano pode conhecer cognitivamente. O episódio, por exemplo, da “segunda guerra mundial” só é possível de ser transmitido de geração em geração por meio da aprendizagem. Em outras palavras a aprendizagem é o mecanismo pelo qual o homem separa-se da linguagem instintiva e passa a desenvolver formas mais aperfeiçoadas, abstratas e até metafísicas. É preciso salientar que aprendizagem, no contexto da argumentação de Herder (1987), não é a educação escolar, da forma como é projetada pela sociedade contemporânea, mas toda e qualquer informação que venha a aperfeiçoá-la.

Fundamentado em Dobranszky (1996), afirma-se que, de um lado, dentro do espírito do iluminismo, Herder contribuiu para questionar o princípio da origem divina da linguagem e, ao mesmo tempo, lançar as modernas bases para o estudo racional e histórico-cultural da linguagem e, por outro lado, indiretamente contribuiu para a edificação de outro princípio. O princípio que afirma ser o homem um produto da evolução da história e da cultura e essa evolução é mediada pela linguagem. Esse princípio alicerça o moderno estudo da linguagem.

REFERÊNCIAS

BERLIN, I. **Limites da utopia**. Tradução Vlater Lellis Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BÍBLIA. Versão Jerusalém. São Paulo: Loyola, 1999.

DOBANSZKY, Enid Abreu. De língua e literatura: considerações acerca do ensaio Sobre a origem da linguagem de Herder. **Educação e Ensino**, v. 1, n. 1, p. 123-132, 1996.

HERDER, J. G. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Tradução José M. Justo. Lisboa: Antígona, 1987.

JAEGER, W. **Paidéia**. Tradução Artur M. Pereira. 3. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

POPPER, K. **O conhecimento e o problema corpo-mente**.. Tradução Joaquim Alberto F. Gomes. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 1996.